N.º 277 Ovar—Domingo 28 de Agosto de 1892 6.º Anno

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados, a 50 rs. linha.
Repetições ..... 25 rs li...
Annuncios permanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

Director e editor—*Francisco Fragateiro* Administrador—*Antonio José Pereira Zagallo*

A GUERRA POLITICA

Temos visto na imprensa prégar-se a guerra santa contra as candidaturas dos banqueiros e dos endinheirados. Accusa-se o ministerio mal se suspeita de que elle permaneça neutral nos circulos, em que esses candidatos se apresentam.

E' que faz mal aos politicos de Lisboa essa effervescencia eleitoral, que se nota pelo paiz fóra. Vê-se que a provincia não está disposta a receber as costumadas imposições de governos ou de partidos. Saltam todos para a arena dispostos a conquistar palmo a palmo o terreno, onde a lucta se ha de ferir.

Isto é um bem? é um mal?

*

As antigas *chapeladas* ministeriaes e os *accordos* mais ou menos decorosos que os partidos teem celebrado, deram como resultado pratico a bella administração dos syndicatos e outras coisas que taes.

Eram os governos que despachavam os deputados, ordinariamente empregados publicos, promptos a subscreverem a todas as imposições, promptos a votar todo o augmento de despezas comtanto que obtivessem mais larga remuneração para os seus insignificantes serviços: eram os influentes que elegiam e impunham aos ministros os despachos dos seus afilhados.

Para que servia o povo?

Embrulhado e burlado sempre nos *accordos*, deixou-se cahir em completa indifferença por tudo e por todos. Chamaram-o acapitulo quando a nação á borda da bancarrota, recebeu o *ultimatum* imposto pela Inglaterra. Depois na lei da salvação publica sobrecarregaram-o com mais impostos. A isto se reduziu o seu papel.

*

Os empregados publicos, que os governos elegeram, serviram só para embaraçar a administração publica com as suas exigencias. Elles que votaram as leis, á sombra das quaes o paiz foi, de trambolhão em trambolhão, precipitar-se na bancarrota, deveriam ser os primeiros a sacrificar-se voluntariamente aos sacrificios tributarios.

Mas o que succedeu?

Durante o seu prodominio, o prodominio das *chapeladas*, nem uma só providencia legislativa se tomou para reduzir as despezas com o funccionalismo.

E mesmo depois, quando se apresentaram os governos extrapartidarios a reclamar os córtes no orçamento, em que esses deputados eram attingidos, elles clamaram, barafustaram contra as medidas tomadas, fundando-se nos seus *direitos adquiridos*.

E só com tal pretexto, queriam que, emquanto a nação pedia ao trabalhador do campo, ao industrial a sua ultima camisa, elles continuassem recebendo grossos ordenados e pingues, gratificações, accumulando-os.

*

Ao paiz não póde causar maior prejuizo a effervescencia eleitoral do que tem produzido a modorra da *chapelada*. Não podemos cahir mais do que temos cahido.

De resto o resultado das futuras eleicções ha-de ser bem differente do que as passadas.

O governo ha-de encontrar-se em frente de uma camara de differentes matizes, muito longe das antigas *carneiradas*. D'um lado o partido regenerador, do outro o progressista e para contra-peso a esses ou a um d'esses os republicanos e os independentes.

Sem a *carneirada* da maioria o governo, se quizer conservar-se por algum tempo tem de guinar ao sabor da maioria. Ora essa maioria tem de ser conquistada por bôa administração, por bôa politica. De nada lhe valerão tricas ou ameaças como succedia aos deputados da *chapelada*, que teem sempre a sua candidatura do favor do governo, que os despachou.

Embora a futura camara queira derrubar o ministerio por simples politica, não o fará porque tem cá fóra a opinião publica, para a stygmatisar. E d'essa opinião publica dependem as eleicções. Por isso emquanto o ministerio governar bem tem a sua vida garantida: no caso contrario nada o salvará da queda.

*

Os politicos que agora attacam as candidaturas dos banqueiros e dos endinheirados, são os mesmos que ainda ha bem pouco tempo pediam a maxima liberdade eleitoral.

Para que movem pois essa guerra? para que attacam o governo só porque elle não faz pressão nos circulos em que esses candidatos se apresentam?

A liberdade eleitoral é para taes politicos em funil—largo para o seu lado e apertado para o outro.

Pois bem nós queremos e apenas desejamos ampla liberdade para todos. Deixem que os circulos elejam a urna todos os seus candidatos, de quaesquer feição.

Se os banqueiros teem expoliado o thesouro peçam-lhes nas camaras as responsabilidades, attaquem-os frente a frente e discutam. O paiz lucrará muito com isso, porque ha-de descobrir por que forma se delapida o dinheiro que tanto custa aos contribuintes.

Mas não attaquem só os banqueiros: accusem tambem os ministros que foram seus cumplices.

POLITICA CONCELHIA

O sr. Aralla quedou-se com as suas correspondencias. Fez bem, talvez fizesse melhor em não as começar, porque provocou da nossa parte respostas pouco satisfactorias.

A' provocação respondemos da fórma mais cathegorica e terminante; mas as nossas affirmações todas bem fundadas e todas muito bem conhecidas é que não foram contradictadas em um sô ponto, apezar do sr. Aralla dizer que tinha a carteira cheia de apontamentos.

Nunca ninguem chegou a saber de que qualidade eram esses opontamentos.

Visto que o sr. Aralla se calou, ponhamos nós tambem ponto na questão.

Para longe vá, pois, a poeirada dos syndicatos e outras coisas identicas.

Alguns aralistas accusam-nos perante o povo de sermos a causa da derrota do snr. Aralla e de os progressistas disputarem a eleição.

Não temos culpa alguma d'esse facto.

Em primeiro logar foi o sr. Aralla quem desorganisou por completo o partido, deixando ao abandono e declarando a todos os momentos que não queria mais saber da politica.

Em segundo logar retirou toda a força e desmanchou por manejos bem conhecidos o projectado centro em que se haviam de averiguar as forças eleitoraes.

Afora isto muitas outras circumstancias se deram e que a seu tempo relataremos.

Sempre, sempre obstou a tudo o amor proprio do sr. Aralla que quer resolver só por si, mandar absolutamente.

Esse systhema desgraçado que constituiu o fundo da sua politica durante mais de vinte annos não se pode tolerar hoje.

Nós, a gente nova, não admittimos semelhante jugo.

Não ha de vir longe o tempo em que o sr. Aralla verá affastarem-se de si os poucos que lhes resta.

Nem as ameaças, nem as promessas de empregos os segurará, porque acima do interesse deve estar a dignidade propria.

Hoje ainda o sr. Aralla dispõe d'elles como de escravos amanhã ha de vel-os recalcitrando contra as imposições e contra as ordens despoticas.

Ao seu lado ficarão como reliquia o amigo sr. Barbosa e o sr. Patarena e quando muito o Casca. Serão bastantes para conjunctamente carpir nas ruinas politicas da velha politica do sr. Aralla.

Novidades

Festividade.—No dia 18 de setembro festeja-se na costa do Furadouro a Senhora da Piedade.

E' um dos arraiaes mais concorridos que se costumam fazer no nosso concelho.

Desde tempos antiquissimos foi esta festa celebrada todos os annos a expensas da classe piscatoria, porém o mau resultado da pesca dos ultimos annos inhibiu aquella pobre classe de festejar a sua santa favorita.

Por sorteio coube este anno á campanha de S. Pedro a direcção dos festejos, e por certo serão feitos com a maior pompa possivel.

Syndicancia.—Disse ha dias o nosso collega "Ovarense„ que o sr. administrador do concelho, zangado com a policia, queria levantar uma syndicancia contra o chefe da policia por haver dado informações a um dos jornaes d'esta villa.

Provavelmente referia-se a nós o "Ovarense„ e essas informações diziam respeito ao caso da estação, em que foi um menor gravemente ferido e soltos os aggressores pelo secretario da administração para assim ter á sua ordem dois caceteiros.

Ignoramos se o sr. administrador quer ou não fazer cahir as suas coleras sobre a policia.

Nós é que estamos dispostos a levar o caso até final e havemos de apurar tudo, para que não se faça do corpo da policia aqui estacionada um simples instrumento ás ordens da auctoridade, em vez d'um elemento d'ordem e de segurança publica.

Se o sr. administrador pensa que agora estamos no caso do cabo Julio, engana-se redondamente. Se pensa em que por meio do processo da syndicancia conseguirá intimidar o corpo de policia, para alli ter servos obedientes e promptos a subsescrever todas as suas ordens, esquece-se de que nós tambem pela nossa parte velamos pelo cumprimento da lei. A policia ha de cumprir com os seus deveres sob pena de crear constantes conflictos.

Não carecemos das instrucções fornecidas pela policia para saber o que ella faz.

O caso da Estação foi bem publico: passou-se deante de muitas pessoas e os proprios arguidos confessaram que o sr. secretario da administração os soltou em seguida ao pedido e promessa d'elles irem no domingo seguinte a Vallega na qualidade de valentões. Elles não só foram n'esse dia mas ainda quando o sr. Aralla appareceu na segunda-feira em Vallega.

Que contámos nós que não fosse sabido por todos? Nada.

Só uma coisa perguntamos no quartel da policia e foi se era costume participar logo para o commissariado geral todos os factos, que aqui se passavam. Responderam-nos que isso era obrigação imposta pelo regulamento.

Por isso ficamos certos de que tal arbitrariedade havia de constar d'um documento official e que não passaria assim em julgado. Firmados n'isso viemos para publico pedir providencias e amanhã iremos, arguir as responsabilidades perante a estação competente.

Repugna-nos deveras que se exautore a policia só para conseguir uns fins politicos por um modo pouco licito e illegal. Façam-se os favores na administração do concelho, mas os que forem compativeis com a lei.

Estada.—Estiveram n'esta villa os nossos simpathicos amigos snrs. Damião de Pinho, Manoel José de Pinho, que ha annos residem em Lisboa.

Tambem esteve n'esta villa de visita ao seu mano sr. Francisco Peixoto o sr. Joaquim Peixoto Pinto Ferreira.

Fabrica de fundição. — Ao genio emprehendedor do habil artista sr. Francisco d'Oliveira Carvalho, devemos o ter na nosso villa uma fabrica de fundição.

Na semana passada aquelle nosso amigo convidou não só alguns cavalheiros, mas os representantes dos jornaes da villa para assistir á ultima experiencia na fundição de varias peças.

Estava bastante gente na officina e os trabalhos corriam na melhor ordem quando alli entrou o sr. administrador do concelho mandando sustar a fundicão sob pretexto de que os visinhos da fabrica se queixavam de prejuizos.

Deu isto em resultado prejuizos, mas para o dono da fundição que viu deteriorar-se uma peça não insignificante.

Intimou, alem d'isto, o sr. administrador o dono da officina para que não continuasse, sob pena de lhe mandar lacrar as portas.

Não percebemos em que se funda tal ordem, que julgamos arbitraria..

Se a auctoridade administractiva entende que a fundição prejudica quaesquer predios contiguos, nem a pode mandar parar, nem fazer sellar as portas, antes que uma vistoria condemne a fabrica ou indique quaes as reformas a fazer para se evitar damno. Emquanto a vistoria se não tenha feito a fundição deve continuar.

Isto é o que em toda a parte se faz: isto era o que o sr. administrador deveria ter feito se apenas pensasse satisfazer a quaesquer reclamações dos visinhos, se é que taes reclamações existem.

De resto acima de tudo está a protecção que todos e em especial as auctoridades devem ás industrias fabris.

Em Ovar não ha uma só fabrica. Agora que apparece uma e que se inicia o gosto n'este emprego de capitaes cumpria que o estragassemos, levantando constantes difficuldades á sua applicação.

A verdade é que o sr. administrador do concelho pouco se lhe importa com o desenvolvimento da nossa terra. Conseguidos os seus fins pouco lhe importa o resto.

Assembleia do Furadouro.—Abre no dia 1 de setembro a assembleia do Furadouro, na casa do nosso amigo sr. Francisco d'Oliveira Baptista, para esse fim alugada.

Sorteio—Verificou-se na sexta-feira o sorteio do jury criminal para julgar nas proximas audiencias geraes os reos até ahi pronunciados.

Houve muitas reclamações dos jurados para serem isentos.

Emigração—Continua em grande escala a emigração dos nossos conterraneos para o Brazil.

Continua a haver bastante falta de trabalho e por isso a emigração não diminuirá tão cedo. É mal para que se não encontre facilmente remedio.

Distribuição de palheiros—Não nos consta que a camara resolvesse ainda distribuir os logares para a edificação dos palheiros e casas na costa do Furadouro, isto apesar d'alguns proprietarios terem para alli conduzido materias proprias para as edifiações.

Não se comprehende a teimosia da camara, tanto mais que ella sabe que está cauzando enormes prejuisos.

Pesca—Foi de muito pouco resultado o trabalho da pesca na semana finda.

Os lanços pequenos. Na quinta-feira trabalharam apenas tres companhas indo ao fundo um barco da campanha de S. Pedro. Felizmente não houve desgraças pessoaes.

Respondendo.—O nosso collega "*Folha d'Ovar*„ ralha com os outros jornaes da terra, porque só tratam de politica, que classifica como entende, em vez de tratarem dos melhoramentos locaes.

Diz que vae ser o primeiro a tratar d'elles, apesar da sua curta existencia, e ennumera como programma:—reclamar para que se concertem as estradas, que se complete a canalisação dos chafarizes e que se illumine a costa do Furadouro.

Quanto á politica está o collega no direito de a classificar como quizer. Acha-a detestavel, má, levada da breca—não fallemos mais n'isso, porque cada um come do que gosta, critica, ataca e discute como quer, sujeitando-se, é claro, á responsabilidade dos seus actos. E como o collega não é politico, não queremos discutir se a nossa politica tem ou não destoado das boas regras.

Mas quanto aos melhoramentos locaes, ha-de o collega primittir-nos que lhe diga que e um pouco injusto comnosco.

Não temos descançado em pedir que se concertem as estradas publicas, mas os governos, apertados pela falta de dinheiro, não tem feito caso algum. O mesmo tem feito o nosso digno representante em cortes que pouco caso ou nenhum fez de reclamar do governo este insignificante melhoramento local. E nós mandamol-o á camara para mais alguma coisa do que para receber os 3333 reis diarios.

Com respeito á canalisação dos chafarizes, fizemos tudo quanto era compativel com as nossas forças. Chegamos a cantar em verso e prosa á bica, o Naptuno e as canalisações. Mas que quer? Afinal a canalisação ahi está até á Praça e d'aqui a pouco o Naptuno deita agua por todos os lados. Sempre se fez mais alguma coisa com a camara do que com o governo. Vê-se que os de cá são menos surdos.

Quanto á illuminação do Furadouro não se pode exigir mais dos homens da camara. Desde annos que é uso e costume illuminar a costa apenas no mez de setembro. Este anno deu-se de mais a mais o caso de os lampeões serem destruidos pelo fogo, porque estavam no palheiro do sr. dr. Araujo. Segundo nos consta a camara mandou fazer outros para os accender na epocha do costume. Parecia-nos pois que n'este assumpto nada deveriamos dizer.

São muito louvaveis os desejos do collega em pugnar sempre pelos melhoramentos locaes. Mas deve fazer tambem justiça aos outros. E veja que não sendo o nosso unico e exclusivo fim esse a que almeja, temos reclamado pela distribuição dos palheiros do Furadouro: pela vigilancia da matta municipal que todos os dias vae rareando: pela abertura d'uma estrada para a Marinha: pela refórma dos paços do concelho: pela execução das posturas municipaes e outras cousas semelhantes.

A politica, como vê, deixa-nos amplo espaço para tudo—para respondermos na devida fórma aos nossos adversarios e para tratarmos dos melhoramentos do concelho.

Com este numero damos-lhe mais um exemplo. Elogiou o collega a fundição do snr. Carvalho: veio depois a auctoridade administractiva e tolheu a acção do industrial, desanimando talvez futuras e projectadas emprezas similares. Verberamos o procedimento da auctoridade, e ha-de haver gente que veja na nossa critica politica, apodando-a mesmo de facciosa. Comtudo estamos na convicção de que pugnamos pelo bem da nossa terra.

Ahi vae este bocado de palestra á laia de bons amigos.

Litteratura

BEATRIZ

(Continuado do n.º 276)

Fernando o visinho de Belmira, depois de colher varias informações ácerca da sua beldade e de comprehender que lhe não era desagradavel, determinou pedil-a em casamento á mão adoptiva.

A pobre mulher tremeu ao escutar a pretenção; receiou perder a companhia da sua querida pupilla e recusou-lh'a allegando como inconveniente a sua diminuta idade. Beatriz já o amava muito. Amava-o com a ardencia peculiar a um casto coração, até ahi insensivel aos impulsos do cupidico affecto.

*

Decorreram algumas semanas e, emfim, os laços do hymineu vincularam os dois namorados.

O parocho da freguezia, graças ao dinheiro de Fernando, dispensara a formalidade de documentos, alguns dos quaes deviam ser requeridos ao hospicio onde Belmira fôra exposta ao nascer para occultar a vergonha de sua mãe.

Quando lauta e jubilosamente solemnisavam o dia de noivado—o mais grato para aquelle que a outrem vae unir o seu destino, a sua ventura e o seu futuro—, Fernando, imperceptivelmente, deixou cahir ao chão uma medalha, que rapida e curiosamente fôra erguida por Belmira, sem que alguem isso percebesse.

E ella, anciosa como todas as filhas de Eva que a tudo preferem á satisfação da sua anciedade, abriu a medalha e reparou que encerrava um pequenino retrato de mulher, e junto a elle um bilhetinho em que se lia: "Minha filha deve possuir um retrato egual a este, que é de sua mãe, e em egual medalha, que lhe lançaram ao pescoço quando foi exposta.—Fernando„

Beatriz empallideceu e tremeu.

Porque?

Confrontando essa miniatura com a que sempre conservara dentro da medalha que jámais deixara de trazer no seio, e cuja proveniencia nunca soubera, reconheceu que eram exactamente eguaes, e que, portanto, Fernando, o seu esposo, era... seu pae!

*

No dia seguinte a desventurada noiva, pura como quando recebera a benção nupcial, acceitava o habito de noviça em um dos mosteiros de Lisboa.

Hoje é sorôr Beatriz.

(*Conclusão*)

Alvaro Dias.

UM MISTERIO

I

Não tendo podido seguir a a carreira militar, o sr. d'Ardicourt quiz ter ao menos a satisfação de educar seu filho militarmente. Desde a mais tenra infancia, o filho—Octavio—foi obrigado, se não sujeito, a rigorosa disciplina.

Por isso tambem, apenas começou a apontar-lhe a barba, um bello dia o rapaz entendeu que havia de sahir de casa, e, se bem o pensou, melhor o pôz em execução.

O pae, o sr. d'Ardicourt, teve com isto um grande espanto e um profundo desgosto. Mostrou-se, porém, ainda mais offendido do que desgosto. Com a melhor boa fé entendia elle que era senhor absoluto dos destinos do filho, cuja fuga se lhe afigurou uma falta de respeito, e, o que mais é, um crime, crime de pura e simples deserção. Indignou-se profundamente por não encontrar nas leis a precisa auctorisação para fazer com que Octavio, preso de cadeia em cadeia, lhe fosse levado a casa.

Assim, quando o filho, desolado lhe escreveu, de longe, que lhe queria muito, que o respeitava porfundamente, mas que lhe supplicava a graça de o deixar senhor das suas acções, quando voltasse á casa paterna, o sr. d'Ardicourt devolveu a carta, sem a abrír.

Se fosse ainda viva a mãe de Octavio, é possivel que ella tivesse conseguido abrandar a colera do marido. Este, porém, infelizmente, perdera-a, havia já muito tempo.

E o viuvo disse:

—Já não tenho filho.

Dizia isto seccamente e com aspereza, mas, a sós, chorava a ausencia de Octavio, pelo qual tinha, a seu modo, um grande affecto.

Ora, a dois kilometros d'Ailly sur-Noye, havia uma propriedade conhecida pela designação de Castello de Bovilliers. A habitação era apenas uma casinhola; em volta havia um extenso parque.

Fôra este o dote da menina de Bovilliers quando casara com o sr. d'Arcourt. Ali morrera ella, alguns annos depois de ter dado á luz Octavio; ali crescera e se creara este. Mais tarde, o viuvo fôra morar para a Borgonha, habitando uma propriedade que o pae lhe deixara.

O *castello* de Bovilliers ficou fechado. De tempos a tempos, as mulheres da granja, que faz parte d'aquella propriedade, iam ali arejar as salas, varrer e limpar o pó. Quanto ao parque, ninguem tratou d'elle, de modo que os coelhos e as lebres, no chão, e as aves, no arvoredo, viviam ali em santa paz como se estivessem n'um paraiso.

II

Havia uns doze annos que ninguem tinha ouvido mais fallar nem da familia d'Ardicourt nem da familia Bovilliers.

Um bello dia correu na cidade e nos seus arredores que Octavio tinha voltado. Quando? Como? Ninguem o sahia. Vira-o alguem? Não. Mas tinham visto luz nas janellas, e, todas as manhãs, um rapazola, alto, de rosto prazenteiro, guiando uma leve carriola, ia fazer varias compras á cidade, passando primeiramente pela pharmacia; além d'isso um medico de Amiens apeava-se todos os dias do comboio e dirigia-se para o castello, n'uma carruagem alugada para esse fim em Ailly.

—O sr. Octavio gosa melhor saude do que nunca! respondia o rapazola de rosto prazenteiro, quando lhe faziam algumas perguntas.

—Mas está alguem doente no castello?

—Effectivamente está.

—Espero que não será o sr. d'Ardicourt?

—Socegue... O sr. d'Ardicourt não está em Bovilliers.

—Então?...

Então o rapazola de rosto prazenteiro mettia a viola no sacco e não havia meio de fazer com que elle, entrasse em mais minuciosas explicações tanto assim que a gente sensata d'aquelles contornos concluiu judiciosamente, depois de maduras reflexões, que havia mouro na costa.

Muito bem... Mas qual era a explicação do enigma?

Havia dois mezes que isto continuava, sem que ninguem tivesse conseguido descobrir coisa alguma.

(*Continua*)

NOTICIAS DO PORTO

Porto, 25 de Agosto de 1892

Noticias politicas, por aqui ha-as em abundancia, mas careço de tempo, para as transmittir ao conhecimento dos leitores do *Povo d'Ovar*, já porque não sou assiduo conhecedor de politica, já porque a minha crassa intelligencia e a minha humilde pena não estão auctorisadas a discutir um tão difficil, como espinhoso assumpto, como em verdade o é, o da politica.

No entanto, como correspondente do Porto, para esse jornal cumpre-me fornecer-lhes as noticias mais palpitantes que por aqui occorrem, dando cumprimento a esta minha promessa nas proximas cartas. Dito isto, peço a benevolencia dos leitores do *Povo d'Ovar*, para qualquer erro ou omissão involuntaria que haja de commetter.

Eleicções.—O "Jornal de Noticias„ d'hontem, 24, declara de uma vez para sempre, que o Centro Eleitoral Regenerador d'esta cidade, não apresenta na proxima eleicção de deputado outro nome além do de João Arroyo; é este o unico nome que elle recommenda aos suffragios dos cidadãos do Porto.

Gymnasio Lauret.—Acompanhados do seu director o snr. Paulo Lauret, regressaram hontem ao Porto, vindos de Badajoz, onde concorreram ao concurso de gymnastica que alli houve, os alumnos d'este gymnasio.

Os distinctos amadores, foram todos contemplados pelo jury que compunha o concurso com medalhas de prata. Era aguardada a sua chegada na *gare* de Campanhã, pela banda da Officina de S. José, e um grande numero de cavalheiros d'esta cidade e á porta do gymnasio, pela banda do Corpo de Salvacão Publica.

Bodo aos pobres.—Passa hoje o 17.º anniversario da fundação da Real Associação Bombeiros Voluntarios do Porto.

Commemorando o dia, será distribuido pelas 6 horas da tarde um bôdo aos pobres, offerecido pelos socios d'aquella benemerita instituição. A' noite ha brilhantes illuminações no pateo do Paraizo, tocando duas bandas de musica.

Palacio.—Ha no domingo espectaculo no palco-corêto do Palacio de Crystal, pela sociedade do amadores dramaticos Affonso Taveira. Representa-se a comedia-drama em 3 actos "Nobreza e ambição„

Na barra.—Aproou ante-hontem á nossa barra, procedente de porto actualmente suspeito de cholera a barca russa "Rozach„. Disparados que foram os tiros, pelo castello da Foz, indicando a entrada impedida, foi inutil a indicação, pois que, a barca esperando pela maré conseguiu a entrada.

O caso produziu alvoroço,

mas as providencias foram inergicas.

O rebocador "Tritão„, recebeu ordem de retirar para o largo o navio, o que effectivamente fez. Chegou a accender caldeiras a canhoneira "Zaire„, afim de evitar que o rebelde navio tentasse nova entrada.

Deodoro da Fonseca.—Algumas casas, de que fazem parte a colonia brazileira, bem como o consul dos Estados Unidos do Brazil teem conservado a meia haste as suas bandeiras, em demonstração de sentimento, pela morte do generalissimo Deodoro da Fonseca.

—O correio está prestes a partir e por isso até já.

J. J. O.

CHRONICA

E' no Furadouro, adoradas leitoras, que eu estou escrevendo esta chronica. Estou sentado sobre uma dunasinha encantadora, contemplando o mar que está sereno como um lago, e o sol que parece está sendo engulido por elle a pouco e pouco.

E' magestosamente bello este espectaculo.

O sol, dizendo adeus ao nosso hymispherio, deixa após si uns clarões de fogo que se refletem no oceano e que contrastam com algumas nuvens diaphanas, que se veem ao sul, acastelladas uma sobre as outras.

E as vagas, distendendo-se suavemente pela praia, veem completar as bellezas d'este magnifico panorama.

Nunca senti tantos desejos, como agora, de possuir o *phosphoro* necessario para poder darvos uma ideia nitida d'este quadro.

Mas não posso; são muito resumidos os meus recursos litterarios, para que vá metter hombros a semelhante *empreza*.

Depois de me embeber na contemplação de tudo quanto via, fixando os olhos no firmamento, vi uma estrella que brilhava com muito fulgor. Era a *Venus*, que acabára d'apparecer havia pouco.

Ao ver aquella estrella fulgurante, sugeriu-me logo á imaginação um facto importante na historia da minha vida juvenil, facto a que ella assistiu, como unica testemunha, impassivel e muda, allumiando-nos com a sua luz argentina e pura.

*

O caso é que o Furadouro se vai animando: já se acham alli bastantes familias e os nossos rapazes vão tambem desertando para lá de pouco e pouco.

Em breve aquella praia chegará ao maior auge do enthusiasmo e da animação e nós teremos então occasião de passar tambem lá alguns dias, para nos compensarmos da monotonia em que estamos immersos.

*

Mas o que estão sendo actualmente as chronicas cá na terra!!...

Um aranzel, que só serve para massar quem tem a paciencia de as ler.

O que ellas dizem; resumido dizia-o uma pequena noticia e dava aos leitores a mesma ideia de assumpto.

Ora, se a leitura das chronicas *massam* os leitores, os chronistas são *massadores* e as chronicas são *massadas*. E, se são *massadas*, não são chronicas.

Proponho, por conseguinte, ao meu collega *Jayme*: ou que as chronicas sejam illiminadas das columnas dos jornaes; para não massar mais os leitores, ou que sejam crismadas, mudando-se-lhes o nome de Chronica pelo de—Massada—. Assim os leitores verão no titulo uma prevenção, e, se lerem, não poderão queixar-se de que são massadoras.

Fazendo a justiça devida ao meu collega *Jayme*, ouso esperar que concordará commigo, pois que o que proponho é devéras justo e d'utilidade publica.

Luiz Arauto.

CHRONICA DO FURADOURO

As aguas do mar andam entumescidas pelos lançamentos de S. Bartolomeu e baralhadas por uma tempestade que ultimamente cahiu sobre a costa.

Os ventos, correndo encadeados de Norte a Sul com a volucidade do raio, encrespam rudemente a corôa dos grandes vagalhões que como cavallos marinhos correm do pégo á orla arienta que Deus poz como barreira insuperavel entre o mar e a terra.

Das extremas cazas ao mar ha grandes lençoes de espuma que por vezes desapparecem para dahi a pouco reaparecerem; é a cyclopica serpente a salivar a presa antes de a triturar. Onde não chegam estes lençoes de espuma ha uma chuva d'area que nos espicaça a cara com a tenacidade dos mosquitos e nos obriga a vendar os olhos. Se todos os dias fossem como este em que escrevo, a vida das praias tornar-se-hia insupportavel.

O Cerveira, tal é o vento, teve já o cuidado de tirar a bandeira do hotel para que ella se não sumisse, feita em farrapos. Quando se sahe á rua caminha-se com uma mão no chapéu e a outra nos olhos.

Eolo abrindo a caverna onde retinha os ventos tornou furioso Neptuno que escuma de raiva.

Abalam-se as rampas, tremem os palheiros limitrophes do mar.

*

A vida no Furadouro é alegre e folgazã, com excepção d'um ou outro dia de aborrecimento; commoda e modesta como em poucas praias.

Um hotel bem provido está sempre prompto a receber mais de trinta hospedes;—Cerveira, o seu proprietario, apezar do luxo e limpeza com que sempre o tem acreditado, nunca deixou de usar d'uma modicidade extraordinaria nos preços.

—Um salão enorme, que já no anno passado serviu para a assembleia, está este anno a ser novamente preparado por uma *troupe* de rapazes que já parece andarem n'um passo de dança;—rapazes estes para quem o dançar é já tão necessario como o pão, a agua, o sol, ou o ar.

—A estrada que vae do Furadouro ao Carregal proporciona, á tardinha, um passeio admiravel e utilissimo porque distrae, areja e desenvolve.

—Os amadores da caça teem as mattas municipaes, conhecidas pelo nome de Estrumada, para perseguirem a lebre, o coelho, a rola, etc.,—e a Ria para os patos bravos, negras, mergulhões, marrecas, etc.

As senhoras amigas de barquear, tem um lindo passeio do Carregal á Torreira e os *moliceiros* á sua disposição.

Não tenham medo de que faltem cazas, porque as ha por alugar.

26—8—92.

João Varino.

CORRESPONDENCIA

Vallega 25 de Agosto de 1892

Dizia eu, meus caros leitores, na minha ultima correspondencia que voltava outra vez a importunar-vos e a encommodar o pobre typographo que estava encarregado de corrigir algum erro. O typographo e eu somos dois *barras*. Pois meus caros estou zangado para o typographo porque nada corrige... e para mais me arreliar, lá mette palavras que eu não escrevi. Emfim leitores desculpem os meus erros e os do pobre typographo. Vamos adiante:

Era sol posto. A noute de 3 de agosto apresentava-se serena como todas as noutes do estio. Eu achava-me junto d'um espaçoso rio, sentado n'um pequeno outeiro onde contemplava a pallidez da rainha da noute que deslizava no espaço.

No cimo do pequeno outeiro tristonho e solitario contemplava o crystal da agua em que a lua mirava seu rosto resplandecente.

Alli só não tendo com quem podesse expandir as saudades do passado dirigia-me a ella humildemente com palavras affectuosas mas simples. Dize-me, ó lua, quantas vezes fujo do meio d'essa sociedade em que muitos encontram abrigo para as suas dôres indo sentar-me n'essa relva humilde que está exposta aos meigos beijos da socegada brisa?

Dizem'o pois;não duvides,porque por mais d'uma vez tens sido a minha companheira inseparavel n'essas solidões onde contemplo a tua pallidez formosa! Tu bem sabes o que me obriga na solidão das noutes a procurar algum allivio para as minhas dôres? Mas senão o sabes, escuta-o pois:—E' a saudade!

A saudade sim, essa virgem formosissima que dá aos poetas torrentes de harmonias e que em seus versos tristes direis que são queixas, e elles diffundem inspiração immensa e sublime. Mas que! Se eu sinto essa saudade que se diffunde em meu peito!

*

Ah! leitores quasi ia escrevendo esta só em idealidades sem me lembrar que tomei a meu cargo ir-vos informando do que se passa n'esta freguezia. Vamos pois á politica. N'este capitulo pouco vos digo porque pouco tem havido.

Consta-me que o snr. Aralla promettera vencer as proximas eleições a ferro e fogo. Tudo pode ser mas ponho-lhe duvida porque o sr. Aralla não tem muita gente que se preste para vencer as eleições por esse processo. Será tudo isso assim, mas eu não acredito e ao resto é que se ha de ver quem vence e a maneira como vence. Ainda é cedo de mais para se dizer quem sejam os vencedores. No entanto o sr. Aralla vá-se convencendo que as eleições de 92 não as vence e só as vencerá se a assembleia eleitoral for em casa de sua ex.ª porque no caso contrario fica a ver navios no alto de Santa Catharina. Emfim senão vencer tenha paciencia.

O tempo da-se aquem por direito lhe pertence. Sua ex.ª já venceu muitas eleições e portanto se perder nada tem a extranhar.

Lembramos a sua ex.ª que mande dar uma pinguinha do generoso aos velhinhos que por ahi tem andado de porta em porta a pedir votos e com a lingua seca, lembramos-lhe isto porque nos consta que elles andam a pedir votos e que nada tem dito por não poderem balbuciar palavra attendendo o terem a boca secca. Vinho, vinho sr. Aralla, aos pobres velhinhos que andam a morrer á sede!

Os lavradores d'esta freguezia ja principiaram a colheita do milho temporão, dizendo elles que a producção este anno é boa.

Deus o queira para bem de todos.

—Partiu já para S. Pedro do Sul o nosso querido amigo e distincto pharmaceutico Manoel Augusto Pires de Rezende Que tivesse feliz viagem é o que do coração lhe desejamos.

Saude e venturas muitas.

Até á outra.

Zás-traz.

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os interessados incertos, para na segunda audiencia d'este juizo, findo o praso dos editos, verem accuzar a citação e ahi assignar-se-lhes tres audiencias, para deduzirem o que tiverem a oppor á justificação avulsa para habilitação requerida por Maria Albina d'Oliveira Gomes e marido Januario Antonio d'Almeida, moradores na villa e freguezia de Soza, na qual allegam: Que o bacharel João de Oliveira Mansarrão, da rua das Figueiras, d'esta villa, fallecera e foram suas unicas e universaes herdeiras Maria Albina d'Oliveira Games e Joanna d'Oliveira Gomes, ambas suas sobrinhas: Que estas herdeiras permaneceram na herança indiviza, morrendo esta ultima Joanna d'Oliveira Gomes, sem ter feito partilha com aquella Maria Albina d'Oliveira Gomes, a quem instituiu sua unica e universal herdeira: Que entre os demais bens do fallecido bacharel João d'Oliveira Mansarrão, existiam averbadas em seu nome, onze inscripções do valor nominal de 100$000 reis cada uma, com os numeros 133:679, 45:238, 96:288, 119:164, 113;145, 108,544, 53:223, 87:777, 89:173, 134:066 e 45:237, que pertenceram ás duas referidas herdeiras: Que d'estas inscripções como dos mais bens foi paga a contribuição de registro respectiva divida pela transmissão operada por obito do dito bacharel Mansarrão: Que a justificante e marido são os unicos e universaes herdeiros, partes legitimas na acção, e conclue pedindo que julgada esta procedente, seja a justificante habilitada como unica e universal herdeira do fallecido bacharel João d'Oliveira Mansarrão para todos os effeitos legaes, e especialmente para o de serem averbadas as referidas inscripções em seu nome, em propriedade e usufructo, salvo as duas de n.os 45:237 e 45:238, cujo usufructo deve ser averbado a favor do Padre Manoel Dias Pereira, emquanto vivo, passando por sua morte para a proprietaria justificante. As audiencias n'este juizo fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana, e nos dias immediatos, sendo aquelles santificados ou feriados.

Ovar, 17 de agosto de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(154)

Annuncios

NOVA LOJA

Caetano da Cunha Farraia participa ao publico que desde terça-feira, 16 do corrente em deante, tem biscoutos de Vallongo e pão fino á venda na sua loja, e espera dos seus amigos as suas encommendas.

Rua da Praça

OVAR

PRAIA DO FURADOURO (OVAR)

HOTEL DO FURADOURO

Este acreditado hotel abriu no dia 8 d'agosto. Excellente tratamento, commodidade, aceio. Preços 600, 800, 900, 1$000 e 1$200 reis; familias, preço convencional. Cosinha á portugueza por pessoal habilitadissimo.

Banhos quentes e frios d'agua salgada.

Café e bilhares, completo sortido de bebidas nacionaes e estrangeiras.

O proprietario,

Silva Cerveira.

(Ha carros a todos os camboios, na estação d'Ovar.)

CARNES VERDES

Manoel da Silva Borges, da rua das Ribas, faz saber ao respeitavel publico que se estabeleceu em sua casa, assim como na Praça d'esta villa, vendendo carne de gado suino.

Espera a concorrencia dos seus illustres freguezes e garante ter á venda a melhor carne com todo o esmero e limpeza.

Tanto na sua casa como na Praça encontrarão tudo o que pertence ao seu ramo de negocio: carne velha para adubo, unto, pingue, carnes frescas, presuntos, lombo fresco, etc.

OVAR

LOÉN TAXIL

OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.E FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIRO

Com uma dedicatoria do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com auctorisação do em.mo e rev.mo sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve de S. Santidade Leão XIII, animando-o, e abençoando-o, e que foi louvado pelos ex.mos e rev.mos srs.

Arcebispo de Paris, Arcebispo de Rennes, Bispo de Montpellier, Bispo de Coutances, Bispo de Seez, Arcebispod e Gran, Arcebispo de Turim, Bisbo de Soissons, Arcebispo de Colocza, Arcebispo de Auch, Arcebispo de Napoles, Bispo de Rodez, Bispo de Bayeux, Arcebispo de Chambery, Bispo de Bannes, Bispo de Marselha, Arcebispo d'Aix.

A obra constará de dous volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras. Preço de cada fasciculo 100 reis, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se-lhes n'essa occasião o competente recibo. Concluida a publicação será elevado o preço.

Distribuir-se-hão tres fasciculos por mez. Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, receberão um exemplar gratis.

Acceitam-se correspondentes nas terras onde os não ha; a commissão é de 20 p. c., garantindo mais de cinco assignaturas.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113—Porto, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maiores, nunca excederão o preço de 400 ou 500 reis, como por exemplo o celebre romance OS MYSTERIOS DE PARIS, (5 volumes) que nos propomos publicar mais tarde, e que apenas custará CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se hão=*O Castello da Raiva* de L. Stapleau=*Um drama de revolução* de Ernesto Daudet *Mont Oriot*, de Guy de Maupassant.—*O grande industrial* e *Sergio Panine* de George Ohnet.—*Clotilde* de Alphonse Karr.—*Sapho* de A. Daudet.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume pago no acto da entrega 100 réis.

Provincias, ilhas e ultramar, cada volume, franco de porte 120 réis. Pagamento adiantado.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio da Empreza da BIBLIOTECA ECONOMICA, T. da Queimada, 35.

REPORTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato grande, bom typo e bom papel 100 réis; pelo correio 105 reis. Requisições á Empreza Editora —LETRAS E LEIS.

A cobrança é feita por séries de seis fasciculos.—Beco da Amoreira, 9, 3.º

No prélo:—Diccionario de Jurisprudencia e Legislação Portugueza. Preço do fasciculo 100 réis; pelo correio 105 réis, pedidos á empreza editora—LETRAS E LEIS.

OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroica-comico, satyrico, em seis cantos, reproduzido in-extenso *com todas as* liberdades *do original.*

Preço, br . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria=Cruz Coutinho =Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.a 26, Rua do Marechal Saldanha 26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

PR

L· STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação

ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 reis.

Publicada a 1.a caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus amigos e freguezes, bem como ao respeitavel publico, qua tem no seu estabelecimento um lindo e variado sortimento de fazendas de todas as qualidades, das quaes menciona:

Flanellas d'algodão, cheviotes pannos familias e domesticos, chitas pretas, brancas e de côr, riscados, zephires, lenços de varias qualidades, chailes pretos e de côr, nacionaes e estrangeiros, merinos de pura lã, castorinas as mais modernas, picotilhos, casemiras pretas e de côr tanto nacionaes como estrangeiras, camisolas de malha de lã e de algodão tanto para homem como para senhora, botões de phantasia pretos e de côr, guarnições de seda e lã, bem como muitos outros objectos existentes na sua loja, que é impossivel annunciar.

Tambem faz publico que no seu estabelecimento vende fato feito, tanto para homem como para creanças, comprehendendo calça, collete e casaco de varias qualidades e boa casemira, bem como se encarrega de qualquer peça d'obra que lhe encommendem.

Vende tudo por preços sem competidor. Portanto meus amigos e freguezes, é aproveitar antes que venham os nossos direitos d'Alfandega porque depois tudo sobe.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.º de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4$000—6 mezes 2$100 rs.—Numero avulso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

MAUXICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA

ARTES E OFFICIOS

Variadas e curiosas receitas e processos de physica e chimica pratica sobre artes, Economia domestica, Photographia, etc.

RECREAÇÕES SCIENTIFICAS

Surperehendentes sortes e experiencias, Cryptographia, methodos para correspondencias secretas, 27 gravuras explicativas.

A' venda em todas as livrarias.

Preço..... 400 réis

« ..... 420 «

Deposito—Livraria Portugueza, Loyos, 56—Porto.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil

Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, **ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.**

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

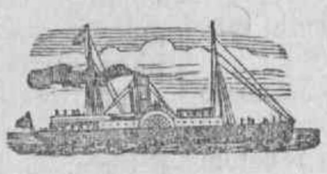
Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-ptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Africa Portugueza

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA OCCIDENTAL E ORIENTAL



Preços resumidos muito inferiores ás tabellas das outras agencias: para S. Thomé 34$000 reis; Ambriz e Loanda 38$000 reis; Benguella 142$000 reis; Mossamedes 46$000 reis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Companhias Mala Real Portugueza, Méssageries Maritimes, Mala Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se passagens por preços muito reduzidos. Preço minimo em 3.a classe 27$000 reis.

Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, trabalhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae com um ou mais filhos ou netos, avó ou avô com seus descendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir empregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes convenha, em differentes provincias do BRAZIL, os quaes teem á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS durante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer terra para onde perfiram ir viver.

Passagens em todas as condições e negocio tratado com seriedade.

Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em —Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

EDITORES BELEM & C.a

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infanteria e ex-professor do Lyceu Central do Porto

PORTO

Magalhães & Moniz—Dditores

CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS E CREANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento

E

Amelia de Moraes Sarmento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde

Chamadas para **PARTOS** a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO